



Transgressão e Memória: Análise de Cordéis Caririenses Enquanto Mídia Radical.¹

Pablo Soares Pereira Costa²
Ribamar José de Oliveira Júnior³
Milene Madeiro de Lucena⁴

Universidade Federal Do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

Resumo

O cordel e seus precursores, como a cantoria e o repente, passaram a ser enquadrados pelo cânone literário em aspectos culturais, dito folclórico ou popular, inferiorizando assim uma cultura tão rica em sua linguística e potencialidades comunicacionais. Observando o folheto enquanto mídia radical, quando quebra-se o silêncio desconstruindo conhecimentos tidos como universais que acabam marginalizando formas e modos de ser, o artigo pretende analisar o trabalho de poetisas caririenses como: Salete Maria e Jarid Arraes, e como os seus cordéis se enquadrariam enquanto mídia radical e ferramenta de comunicação e resistência de movimentos sociais.

Palavras-chave: Cordel; Mídia radical; Movimentos sociais; Feminismo

Introdução

As mais variadas formas de expressões culturais são fortemente marcadas por dispositivos que fazem uma espécie de “manutenção” e ordenamento do que está sendo criado. A reprodução de preconceitos construídos culturalmente nos meios que os indivíduos encontram para se comunicar e se expressar é evidente. Segundo Souza (1976 apud SANTOS, 2006, p.183), não seria diferente com a literatura de cordel ou “livrinho de feira, livro, obra, livro de Ataíde, estória do meu padrinho, folheto e romance”, denominações que foram atribuídas a essas composições que estão inseridas em um fluxo cultural constante. O cordel, apesar de estar em uma plataforma escrita e impressa, vem nascer da voz performática de cantadores e cantadoras nordestinas, repentistas, entre outros, como fala a pesquisadora Santos (2006), em seus estudos sobre a participação feminina na produção de cordéis no Nordeste. O advento da criação da imprensa de tipos móveis por Gutemberg no século XV vem demarcar o início da idade

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

² Graduando no 7 semestre de Comunicação Social- Jornalismo, UFCA, email: psouaresjornalismo@hotmail.com

³ Graduando no 3 semestre de Comunicação Social- Jornalismo, UFCA, email: ribaeomar@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFCA, email: milene.madeiro@gmail.com



moderna e o paralelo entre o oral e o escrito. Nesse período em que as publicações se resumiam a histórias de cavalheiros e personagens que compunham o imaginário da sociedade da época, as impressões se baseavam apenas para o entretenimento com escrito de novelas e contos fantasiosos. O cordel consegue transpassar por todas as fases da história das tecnologias da comunicação em um espaço de século e meio, como afirma a pesquisadora Lemaire (2002).

Como bem lembra a pesquisadora, Santos (2006), com o aparecimento do cordel nos fins do século XIX até início do século XX no Nordeste brasileiro, podemos constatar que as mulheres não ocuparam espaços na edição de produções poéticas e em diversos outros momentos e atividades que eram estabelecidas como ações masculinas. Nossa sociedade configurada em um sistema patriarcal impediu que a maioria das mulheres fossem atuantes nessas áreas, editoras de seus próprios folhetos e se manifestassem artisticamente. A figura do homem se configurava enquanto protagonista das mais diversas formas de fazer arte, inclusive na produção cordelista, que era tida como uma atividade única e exclusiva do mesmo.

Quando vamos falar de cordel na contemporaneidade, não podemos mais ficar no espaço cristalizado que esse instrumento ganhou, a partir de uma visão universal instaurada pela burguesia, nos finais do século XIX, que o intitulava enquanto literatura e folclore.

Na Europa é o momento histórico em que as disciplinas atuais dos estudos de Letras começam a se instalar como cátedras e departamentos nas universidades; a sociedade da época é a da burguesia capitalista cristã que vive o apogeu do seu poder e dos seus valores. A sua visão de mundo tem como centro o homem ocidental: europeu, masculino, branco letrado e membro da elite. (LEMAIRE, 2010, p. 67)

Tal universalização cultural, baseada nos preceitos que a burguesia estabelecia, vinha estabelecer uma linearidade de pensamento que não é saudável para o que se deve compreender enquanto cultura, como explica Stuart Hall (2003):

A concepção de cultura é, em si mesma, socializada e democratizada. Não consiste mais na soma de o “melhor que foi pensado e dito”, considerado como os ápices de uma civilização plenamente realizada – aquele ideal de perfeição para o qual, num sentido antigo, todos aspiravam. Mesmo a “arte” – designada anteriormente como uma posição de privilégio, - é agora redefinida como apenas uma forma especial de processo social geral: o dar e tomar significados e o lento desenvolvimento dos significados comuns; isto é, uma cultura comum: “a cultura”, neste sentido especial, “é ordinária (HALL, 2003, p. 135).



Partindo da premissa o suporte do folheto se ressignifica constantemente, para sua própria perpetuação, e tem uma grande potencialidade comunicacional e de intervenção perante assuntos da sociedade é que analisaremos o cordel enquanto uma plataforma midiática e instrumento de resistência dos movimentos sociais.

2. **Mídia Cordel e Contemporaneidades**

Quando caracterizamos o folheto enquanto mídia radical, adentramos nos estudos de Downing (2002), quando ele fala que a principal característica dessa forma de comunicar são suas formas de expressão das culturas populares e de oposição.

Os estudos dos folcloristas evidenciaram um fato inegável: a cultura chamada “popular” veicula, na verdade, uma visão do mundo diferente – e concorrente!- da elite; o seu conhecimento, saber e sabedoria são baseados na experiência e na observação da vida, no que Paul Zumthor chama de “paroles fondatrices des communautés réelles” e que Patativa do Assaré caracteriza como a voz do Brasil “de baixo”. (MENDES, org., 2012, p. 70)

Voz esta que vai ganhar e ressignificar o que compreendemos enquanto cordel e até mesmo o que compreendemos enquanto identidade nordestina, já que no Brasil essa é a região que mais produz e se identifica com o folheto como meio de comunicar e informar sobre fatos do cotidiano da população.

A origem do Nordeste, portanto, longe de ser um processo linear e ascendente, em que “a identidade está desde o início assegurada e preservada” é um começo histórico no qual se encontra a discórdia entre as práticas e os discursos: é um disparate. Essa figuração de uma origem linear e pacífica para o Nordeste se faz preciso para negar que ele é algo que se inventa no presente. (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 80)

Acreditando que o ser nordestino é múltiplo e o conceito de identidade que é construído através de diversas instituições, como a mídia hegemônica, não se sustenta, é que observamos a produção de cordel na contemporaneidade como um reflexo da diversidade que compõe a região Nordeste do Brasil. Poetisas e ativistas como a jornalista Jarid Arraes e a professora Salete Maria, vem exemplificar por meio de seus folhetos o quanto além podemos compreender a cultura popular, que muitas vezes é vista como uma cultura saudável e de oposição à cultura de massa, mas mesmo assim reproduz uma série de preconceitos e estigmas.

Além de ser demasiado simples, as perspectivas dualistas apresentam uma séria falha: a cultura popular pode perfeitamente ser elitista,



racista, misógina, homofóbica, nutrir preconceitos relativos à idade e, ainda assim, expressar esses valores de formas inventivas e superficialmente atraentes. Os papéis negativos de mulheres e meninas nos contos de fada e nas canções folclóricas constituem apenas um exemplo. (DOWNING, 2002, p. 35)

Quando falamos em cordel logo nos remetemos ao passado nostálgico de anedotas contadas pelos mais velhos e a temáticas sanguinárias que marcaram a história do Nordeste, como os casos de Lampião e Maria Bonita com o seu cangaço. A jornalista Jarid Arraes, nos mostra uma produção de folhetos totalmente feminista e anti-racista, indo de encontro ao que conhecemos enquanto cultura popular e provando que a cultura de oposição recorre e contribui para a cultura popular e cultura de massa, como nos lembra Downing em seus estudos a respeito da mídia radical.

A professora Salete Maria, cordelista feminista que atualmente trabalha como professora do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia-UFBA, participa de um movimento no sertão do Cariri cearense denominado a Sociedade dos Cordelistas maUditos, que ficou conhecido por seus poemas transgressores que denunciavam ‘costumes populares reacionários’, como diz Marcos Antônio Gonçalves (2007) em seus estudos sobre o cordel e a contemporaneidade. Salete que escreveu cordéis como “Travesthriller: A história da travesti que com fé engravidou”, “Basta de feminicídio”, entre outros, que abordam a temática da emancipação feminina e as opressões que homossexuais sofrem na sociedade patriarcal, vem mostrar o poder comunicacional e de reflexão que o folheto possui, podendo assim apresentá-los enquanto uma mídia radial que propõe o debate, a crítica e a ação.

O termo cultura popular, concentra-se na matriz da mídia radical alternativa. Esse tipo de mídia hoje vai além do uso das tecnologias, ela inclui uma gama de atividades como o teatro de rua, a dança entre outras manifestações comunicacionais. A mídia radical não está interessada na audiência por ser domesticada pelo mercado a ser estática e efêmera. A mídia radical propõe a seu público o debate, a crítica e a ação (DOWNING, 2002, p. 39 a 42)

Tais categorias são contempladas nos folhetos das poetisas Jarid e Salete, trazendo à tona discussões, muitas vezes reféns dos espaços acadêmicos, para um suporte de alcance ao público em geral, já que o mesmo é presente no cotidiano de grande parte dos nordestinos.

3. Análise dos folhetos feministas libertários enquanto mídia radical.



A cultura popular, por estar dentro de um viés imagético folclórico de preservação e resgate, pode ser considerada vanguardista, partindo da premissa de que o novo de vanguarda é radical e vai além de mudanças estéticas e pasteurizadas pela cultura de massa. Assim, o folheto de cordel por ser considerado um suporte à voz, responsável por uma instituição de invento do recorte de Nordeste, através do seu texto metrificado e cantado, compõe a escuta nordestina e pode se reinventar.

O cordel como arte nordestina está dentro da invenção do Nordeste. Segundo Durval Muniz (2009), o Nordeste existe como essa unidade e homogeneidade imagética discursiva propalada pela mídia. Deste modo, trata-se de pensar como a região se tornou uma problemática, que práticas discursivas e não discursivas fizeram esta questão emergir e a constituíram como objeto de pensar. A cantoria de versos foi e é suporte da emergência de uma visibilidade e dizibilidade desse recorte geográfico nordestino. Pois a mobilidade da cultura popular desconstrói o discurso artístico em uma espacialidade de Nordeste onde qualquer quadro é marcado pela presença de sol (ALBUQUERQUE JR, 1999.). E o cordel, como arte marginalizada por não adentrar os cânones literários, se reinventa assim como o Nordeste.

Heloísa Buarque de Hollanda (2004) circuncida a evolução da "arte popular revolucionária" para vanguarda: a marginalidade é tomada não como saída alternativa, mas no sentido de ameaça ao sistema; ela é valorizada exatamente como opção de violência, em suas possibilidades de agressão e transgressão (HOLLANDA, 2004,p.77). Dentro de uma região onde o espaço e sujeito são marcados pelo estereótipo de "macheza", violência e valentia, sendo esses motivo de orgulho para tal tradicionalismo, no qual é base de instituições sociais como a família de núcleo patriarcal, o cordel existe como resistência.

Exceto o fato histórico do processo de transição que a tecnologia da informação e comunicação acarretou na oralidade para a escrita e a imprensa. Quando a informação sob forma de linguagem rítmica e metrificada do verso cantado, de repente, vai ser transformada em folheto para ler lido (LEMAIRE, 2010.) o cordel também é resistente, por manter viva uma cultura dita não cânone e de educação informal.

Ao analisar o trabalho de poetisas como: Salete Maria e Jarid Arraes, intui-se como os seus cordéis se enquadrariam enquanto mídia radical e ferramenta de comunicação e resistência de movimentos sociais. Tais mulheres e com voz



contribuintes na literatura de cordel, campo ainda dominado pela cultura masculina — o que instaura uma dissimetria radical na avaliação das atividades masculinas e femininas (BOURDIE, 2010.)— trazem a cantoria seus versos de militância em torno das temáticas emancipação feminina, questões étnicos raciais e LGBTTTTQI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Transgêneros, Queer e Intersexuais).

Referência quando o assunto é produção literária cariense de cordéis, a Sociedade dos Cordelistas Mauditos, desmonta o binarismo entre popular e erudito e demonstrando a necessidade de se adaptar a literatura de cordel à sociedade contemporânea e aos fatos atuais, reinventando a narrativa de cordel. O que é explicitado no seu projeto de manifesto:

A nossa comunicação se dá através da poesia de cordel – Traço de nossa identidade nordestina. Somos contra o lugar comum, combatemos a globalização que impõe signos massificantes e uniformiza os comportamentos e estéticas: Nosso movimento pretende, sob uma ótica intertextual, utilizando vários códigos estéticos, redimensionar a literatura de cordel para um campo onde as linguagens sejam possíveis. Não somos nem erudito nem popular: somos linguagens. Entramos na obra porque ela está aberta e é plural. Somos poetas e guerreiros do presente. A poesia escreverá enfim outra história. Salve! Patativa de Assaré e Oswald de Andrade!

Em "*Outras pessoas*", de Salete Maria, cordel lançado em março de 2014, pelo blog 'Cordelirado', onde é depositado seu acervo e notícias de suas andanças, a autora aborda nos versos as diversas formas de ser que são marginalizadas na sociedade.

“Mudos e assexuados
Caipiras, ecologistas
Enfermos, desinformados
Destros e malabaristas
Tatuados, hemofílicos
Devotados e étlicos
Excluídos e cotistas

Quilombolas, ribeirinhos
Parideiras, abortistas
Anoréxicos, baixinhos
Flanelinhas, diaristas
Cadeirantes, vendedores
Bipolares, cuidadores
Figurantes, neo-artistas”
(Salete Maria)

A autora do cordel 'O Milagre Travesthriller: A História da Travesti que (Com Fé) Engravidou', que virou filme, faz duras críticas em seu folheto 'Outras pessoas' às



instituições que também reproduzem o preconceito, assim como a mídia hegemônica quando ela diz:

Outras pessoas existem
- fora da Caras (de pau) -
Que, a seu modo, insistem
Em consumir o jornal:
Seja dormindo com ele
Ou cagando em cima dele
Vão gerando outro know how

Outras pessoas existem
- fora do reality show -
Que, a seu modo, persistem
Em fazer seu próprio gol
Ganhando algumas partidas
- Perdendo tantas na vida -
Assim como elas, soul.
(Salete Maria)

Já em "Dia do Orgulho Gay" também de autoria de Salete, com xilogravura de Francorli, a história de data dar visibilidade e afirmação homossexual é contada nos versos com um caráter contra hegemônico nos discursos do cordel. Começando pelos versos: *O mundo dá testemunho/Do que não nasce por lei/É um dia diferente/A rua enche de gente/O marginal vira rei.* Salete vem a instituir o orgulho de ser marginal dentro de uma construção na qual o normativo oprime, assim como na literatura de cordel associada à cultura popular e marginalizada por não ser cânone.

Em seguida resgata através da oralidade da cultura popular o fato histórico do surgimento do dia do orgulho gay. Aludindo ao episódio da rebelião de Stone Wall, ocorrido em Nova York nos anos de 1969 — período marcado como *pré-desbunde* nos movimentos sociais brasileiros — e caracterizado por uma série de conflitos violentos que ocorreram em vários dias entre a população LGBT (gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros) e a polícia. *Ao todo nove soldados/Ali duzentos fregueses/Os donos foram algemados/E espancados, por vezes/Renderam três travestis/Puseram-nas vis-a-vis/Trataram-nas como reses* (Salete Maria). O caso do bar de *Stonewall Inn* é retratado no cordel assim como na história dos direitos civis LGBTTTQI, pois foi a primeira vez em que um grupo de minorias resistiu ao preconceito e maus tratos da polícia.

Na mesma linha, Jarid Arraes, vem gritar que "*Travesti Não é Bagunça*" em um cordel de sua autoria publicado pelo Cordel Expresso. Ela expõe em seus versos a realidade de ser travesti no dia a dia e seu papel dentro da sociedade. Como uma



denúncia as discriminações que sofrem diariamente e circunstâncias as quais estão submetidas.

"Muitas não podem estudar
Pois na escola vão sofrer
Com deboche e exclusão
De pequena até crescer
Porque a tal educação
Só uns poucos podem ter"
(...)

"Se não concordar comigo
Deixe logo de furdunça
Pois não tenho paciência
Pra trepeça, nem jagunça
O recado é muito claro:
Travesti não é bagunça"
(Jarid Arraes)

Situações como negação do direito à educação, a expulsão de casa pela família, o abandono nas ruas e a prostituição para o sustento, são exemplos da labuta da visibilidade travesti nos versos deste cordel. A travesti é colocada em uma perspectiva não rotulada e mostra que "Travestis são como eu / também são como você" (ARRAES, 2014, p.6).

4. Conclusão

O cordel e seus precursores, como a cantoria e o repente, passaram a ser enquadrados pelo cânone literário em aspectos culturais, dito folclórico ou popular, inferiorizando assim uma cultura tão rica em sua linguística e potencialidades comunicacionais. Já não bastasse esse patamar de inferioridade que ganha, os meios visibilizam uma literatura de cordel predominantemente masculina, esquecendo assim as poetisas, cantoras e repentistas que produzem até hoje livretos dos mais variados assuntos.

Um vasto estudo somente das poéticas masculinas, essa visão foi também androcêntrica, responsável pela eliminação e exclusão do debate não somente do estudo aprofundado das vozes poéticas no seu processo criador e criativo, como da participação e das produções de uma autoria feminina. (SANTOS, 2011, p. 222)

Dando uma lição de direitos igualitários e diversidade de gênero e sexualidade. Pois se na abordagem de Salete Maria em *Travesthriller* é dito "Que todo ser é complexo" (SILVA, 2012) essa complexidade vem da subjetividade. O que para Durval



Muniz (1999), é uma dimensão fundamental na construção das relações sociais e que, nesse sentido, estão as relações de poder quanto emanações de afeto, sentimento e vontade (ALBUQUERQUE JR, 1999.).

Portanto, pode-se ressaltar dentro da poesia militante de Jarid Arraes e em paralelo a visão de que tanto o discriminado como o discriminador são produtos de efeitos de verdades, emersos de uma luta e mostram os rastros dela (ALBUQUERQUE JR, 1999.) que seus versos estão dispostos a desconstruir tais verdades e reinventar o poder do cordel tanto dentro dos discursos populares como na instrumentação dos movimentos sociais e mídia alternativa radical.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2008.

ARRAES, Jarid. **Travesti Não é Bagunça**. 2014. (Cordel)

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

DOWNING, John D.H. **Mídia radical: Rebeldia nas Comunicações e Movimentos Sociais**. 2º ed. Trad. Silvana Vieira. São Paulo: Editora Senac, 2002.

GONÇALVES, Marco Antonio. Cordel híbrido, contemporâneo e cosmopolita. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 21-38, 2007. Disponível em:< <http://www.tecap.uerj.br/pdf/v4/goncalves.pdf>> Visto em 17 fev. 2015

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Ed. Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

HOLLANDA. Heloísa Buarque de. **Impressões de Viagem: CPC, Vanguarda e desbunde. 1960/1970**. Rio de Janeiro: Aeroplano. 2004.

SANTOS, Francisca Pereira dos. . Poética das vozes e da memória. In: MENDES, Simone de Paula dos Santos. (Org.). **Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010, v. 1, p. 43-63.



Mulheres Fazem... Cordéis. **Revista Graphos**, João Pessoa, v. 8, p. 183-194, 2006. .

SILVA, Salete Maria da. **Outras Pessoas**. 2012 (Cordel).

LEMAIRE, Ria. **Passado-presente e Passado Perdido: transitar entre oralidade e escrita**. In: *Literatura D' America* — Revista Trimestral, Editora Bulzoni —ano XXII n 99 2002.